



HÁ ESPERANÇA DIANTE DA HEGEMONIA DO NARCISISMO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA AO SILENCIAR O RACISMO EM SALA DE AULA?

Fernando Daniel Eblin Pereira

Greici Will Coelho

Luíza Gonçalves dos Santos

Mercedes Maria Silva Castro¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo, fazer uma reflexão sobre a questão da esperança, diante da hegemonia e do narcisismo do professor da educação básica, quando este silencia-se no que diz respeito ao racismo que ocorre em sala de aula. O conceito de esperança aqui trabalhado é pautado na ideia de Paulo Freire, que fala da esperança como necessária para o docente construir, dialogar e compreender que o fazer pedagógico sempre está inacabado. Com o intuito de pensar sobre o trabalho docente em relação ao racismo, são abordados o narcisismo e a hegemonia que parece se evidenciar no silêncio do professor em sala de aula. Desse modo, busca-se soluções para que o docente possa trabalhar sua prática pedagógica respeitando todos os alunos de forma igualitária, onde as diferenças sejam respeitadas. Esta é uma pesquisa de cunho Bibliográfico de grande relevância, onde se busca mostrar que a esperança existe, visto que em uma sala de aula deve haver espaço para práticas educacionais libertadoras e não excludentes. Os resultados apontaram que há uma forte ligação entre a hegemonia do narcisismo do professor ao silenciar o racismo em sala de aula, por outro lado é notório que como professores temos que ter esperança de buscar a igualdade, a valorização da diversidade e a justiça social.

PALAVRAS-CHAVE: Esperança. Hegemonia. Narcisismo. Racismo. Professores.

¹ PEREIRA, Fernando Daniel Ebling; COELHO, Greici Will; SANTOS, Luíza Gonçalves dos; CASTRO, Mercedes Maria Silva



INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo abordar a hegemonia do narcisismo do professor da Educação Básica, em relação ao racismo quando este ocorre em sala de aula. É um trabalho de requisito de conclusão da disciplina de Tutorial III do Curso de Antropologia da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. O processo de construção conjunta foi orientado pela Professora Antonella Tassinari e permeado pelos estudos teóricos vivenciais realizados ao longo do semestre em conjunto com o professor convidado Reinaldo Fleury baseando-se nas dinâmicas de aprendizagem propostas por Paulo Freire (1992).

Partindo de uma situação problema representada por uma palavra e por uma imagem, que pudesse representar um desafio individual em sua prática social e educativa, os participantes se reuniram em dupla para a construção de um processo conjunto de auto identificação, no qual seria necessário compartilhar qual era seu dilema naquele momento encontrando um ponto comum, sendo este, um tema mobilizador para as pesquisas subsequentes. Ao final da atividade, após momentos de troca de informações em duplas, o grupo total de alunos foi subdividido em dois grupos para a reelaboração do seu desenho, agora contemplando as palavras e imagens de todos os participantes de modo que pudessem eleger um título e uma nova imagem recomposta com os desenhos iniciais de cada membro do grupo e assim pudessem apresentar para a professora titular da disciplina, para o professor convidado e para os colegas presentes.

O percurso de construção coletiva de uma apresentação que pudesse contemplar os dilemas iniciais foi permeado por encontros virtuais de discussão dos temas e bibliografia escolhida para a discussão da temática abordada, bem como com encontro de mediação e orientação com a Professora Antonella.

Considerando os elementos iniciais de convergência de cada um dos membros do grupo, temos como imagem uma balança e nela de um lado a hegemonia adultocêntrica, colonizadora e patriarcal representada pela figura de Narciso e do outro, inúmeros rostos tendo como contorno o mapa do Brasil representando “Os ninguéns” de Eduardo Galeano (2002, p.71)

Diante do exposto, deu-se a construção do título deste artigo que se tornou nossa pergunta de pesquisa e por meio da qual decidimos abordar a figura do professor e sua relação de construção do processo de ensino e aprendizagem na educação básica, visto que cada um de nós enquanto alunos colecionamos memórias na qual esta figura de autoridade se



posicionou de modo a considerar a relação professor aluno muito mais como um processo de transmissão do conhecimento do que de construção conjunta.

Para o grupo a balança pende para um lado, possibilitando inúmeras reflexões éticas e políticas. Na figura que passou a ser a representação da síntese elaborada pela discussão do grupo, o prato que tem poucas pessoas pende para baixo e o lado com menor número de pessoas fica no alto, sendo esta a própria representação da desigualdade. Ao transpor este simbolismo para o contexto de sala de aula, temos de um lado a figura dos professores e professoras e do outro dos alunos e alunas. Assim, optamos em fazer uma leitura simbólica sobre o papel “narcísico” e “hegemônico” historicamente construído no lugar de professor, pensando especialmente aqueles que (in)conscientemente se mantêm em silêncio no tocante à questão do racismo em sala de aula, corroborando para construções sociais de relações violentas e assimétricas.

Abordaremos neste texto que serve de subsídio para apresentação e discussão em aula questões relacionadas ao branqueamento das instituições conforme descrito por Maria Aparecida Bento (2002). Fenômeno que também é reconhecido nas escolas segundo Bell Hooks (2013) e a relação destes com os conceitos de Capital cultural de Bourdieu (2007) e Capital Humano de Michel Foucault (1987), pensando em como a Pedagogia da Autonomia e o Esperançar de Paulo Freire podem nos apresentar possibilidades para uma transformação cultural e social que possam mudar às práticas hegemônicas que geram desigualdades, em práticas antirracistas que promovam a liberdade.

Conforme o exposto intenta-se questionar e compreender em que medida os professores são responsáveis por contribuir com a cultura do narcisismo em sala de aula, sobremaneira frente ao estudante negro que é discriminado e depreciado no ambiente escolar de modos sutis e cotidianos por práticas culturalmente reconhecidas como parte dos padrões sociais? E neste cenário, qual é o papel do professor que pretende lutar contra a hegemonia racista presente em sala de aula?

Além dos conceitos abordados pelos teóricos acima mencionados, eleitos para referenciar as discussões propostas, nossa apresentação abordará os conceitos de hegemonia e narcisismo como intuito de evidenciar as interlocuções destes conceitos com o curta



metragem escolhido para ilustrar situações motivadoras da realização deste estudo da produção audiovisual é” Dudú e o Lápis cor da Pele”.²

PENSANDO A HEGEMONIA

Para maior compreensão do artigo, faz-se necessário abordar sobre o conceito de hegemonia. É importante frisar que nosso trabalho está voltado para o racismo em sala de aula, e este tema está diretamente ligado à questão da hegemonia. Parece ser na dimensão educacional onde ocorre a manutenção e a reprodução das desigualdades raciais, onde o negro é tratado com indiferença, como inferior. É papel da escola e do professor, buscar entender como o racismo se manifesta para proporcionar aos alunos um ambiente favorável para a socialização e que possa acabar com o racismo em sala de aula.

É necessário que a escola e os docentes busquem promover uma educação crítica, dialógica e igualitária, pois de acordo com Bárbara Freitag (1980, p. 38, apud GRAMSCI, 1973, p. 30) diz que:

Toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica. No caso da hegemonia burguesa, trata-se essencialmente do processo de aprendizagem pelo qual a ideologia da classe dominante se realiza historicamente, transformando-se em senso comum. É uma pedagogia política que visa a transmissão de um saber, com intenções práticas.

Para Gramsci, é no processo de aprendizagem que a ideologia da classe dominante infiltra suas ideias como universal, alerta ainda que essa mesma classe, promove alienação e somente um professor comprometido com seu fazer pedagógico pode mudar a realidade na qual vivemos, acreditando que é através da cultura e do conhecimento que a sociedade pode transformar-se e libertar-se.

O termo hegemonia é um conceito que surgiu através do teórico marxista Antônio Gramsci, a noção de hegemonia começou a ser elaborada em 1920, o termo ao ser utilizado teve como objetivo descrever a dominação ideológica de uma classe em detrimento de outra.

² CURTA METRAGEM: **Dudú e o Lápis cor da Pele**. Disponível em: https://youtube.com/watch?=:VGpB_8b77U.



Para Schlesener (2016, p. 97) a noção de hegemonia recebe significados diversos a partir das correlações de forças antagônicas, onde na construção da hegemonia um grupo social se manifesta como dominante de outros grupos.

A autora continua com outra definição de hegemonia que cita a dominação política e cultural como exercício de poder pela coerção e pela formação de um consenso passivo.

Schlesener (2016, p. 98), reforça em outros termos que a hegemonia se consolida e se fortalece na medida em que as classes dominantes conseguem o consenso da maioria da população em torno de seus projetos.

Para reverter essa questão de dominação e de alienação dos subalternos é necessário de acordo com Rummert (2008, p. 32):

Elaboração e difusão de discursos capazes de ordenar aspirações, sonhos, fantasias projetivas, valores já consolidados, necessidades materiais e simbólicas e projetos coletivos em que os indivíduos se percebam contemplados.

Ou seja, é necessário que haja sonhos, esperanças e por fim projetos coletivos que façam a classe dominada se reconhecer como indivíduos que se identificam, que tenham identidade própria e criem um sentimento de pertença.

O CONCEITO DE NARCISISMO

Neste tópico pretendemos apresentar os efeitos que o narcisismo do professor em sala de aula e em todo o âmbito escolar, pode causar quando não se posiciona de maneira favorável e adequada a erradicação do racismo.

ULLRICH E ROCHA (2019, p. 17, apud KURY, 1999), citam:

O termo “narcisismo” advém da Mitologia Grega, que narra a história de Narciso, um jovem muito belo, que atrai o amor da ninfa Eco. Todavia, Narciso despreza esse amor e por isso, é submetido a apaixonar-se pela sua própria imagem ao olhar para o seu reflexo nas águas de um lago.

O mito que retrata sobre “Narciso”, reforça o conceito de narcisismo pois mostra que Narciso, se apaixona pela sua própria imagem ao vê-la refletida no lago.

O termo narcisismo foi introduzido na Psicanálise por Havelok Elllis em 1898, dando ênfase aos indivíduos que se sentiam atraídos por seus próprios corpos.



O narcisismo é estudado no campo psiquiátrico, abordando perversões sexuais. O foco do nosso artigo ao abordar sobre o narcisismo é compreender quais os efeitos que o narcisismo causa, em relação ao docente que se mantém silenciado quando enfrenta com a questão racial em sala de aula.

O narcisismo do docente que não sabe lidar com as questões que envolvem o racismo, parece causar nos discentes sérios problemas em sua vida escolar. Dentre eles podemos citar: evasão escolar, baixa autoestima, sentimento de inferioridade e a tendência a ter baixo rendimento.

Segundo Carone e Bento:

Pode-se pensar no ódio narcísico [...]. Mecanismo pelo qual o sujeito procura livrar-se dos impulsos que ele não admite como seus, depositando-os no outro”. Isso nos faz acreditar que o silêncio pode ser considerado como parte da cultura narcisista. Hoje os profissionais da educação pouco se envolvem com seus parceiros de trabalho e com a própria escola, isto gera uma atitude individualista no ambiente escolar que pode provocar tensões e conflitos que afetam a sala de aula. (CARONE e BENTO, 2014, p.38)

É necessário ter noção, que o “narcisismo solicita a cumplicidade narcísica do conjunto dos membros do grupo e do grupo em seu conjunto”. (CARONE e BENTO, 2014, p45, apud KAES, 1997:262).

O professor narcisista em alguns casos recebe apoio para agir de forma excludente, da classe dominante que está inserida no mesmo grupo em que este participa. Consideramos que o silenciar em relação ao racismo, é uma atitude desumana; no entanto, muitas pessoas ainda preferem não falar sobre as questões raciais nos espaços escolares.

A CONSTRUÇÃO DO CAPITAL CULTURAL COMO PRÁTICA CONTRA O RACISMO.

Sylvio Gadelha (2019) traça um paralelo histórico da noção do capital humano proposta por Foucault e as biopolíticas, onde apresentam o conceito de capital humano como as habilidades desenvolvidas pelas pessoas ao longo de sua existência, onde buscam diferenciar, demarcando heranças materiais de dimensão simbólica de investimento de tempo e do capital educacional. Visto por Bourdieu como capital cultural.

Contudo Sylvio Gadelha traz uma importante dimensão histórica no que se refere ao tema deste estudo, a relação de educação dada a, ou melhor, dizendo, a falta de investimento



educacional possível para os negros libertos da escravatura e seus filhos demarcando os processos de estigmatização, marginalização e exclusão.

É neste contexto histórico que as crianças da educação básica frequentam a escola ambiente no qual “O silêncio imposto pelos valores burgueses é sancionado por todos na sala de aula” (Bell Hooks, 2013 p. 239) Com esta frase a autora reitera o lugar do professor que se mantém alinhado às práticas convencionais.

Noutro ponto, ela aborda os aspectos mencionados por Maria Aparecida Bento no qual há uma necessidade de embranquecimento das posturas para que determinados grupos de pessoas sejam socialmente aceitos. Bell Hooks (2013, p.237) afirma que: "Se uma pessoa não provinha de um grupo social privilegiado, poderia progredir se adotasse uma conduta semelhante à de tal grupo. Os alunos ainda precisam assimilar valores burgueses para serem aceitáveis."

Essa fala de Bell Hooks, nos faz pensar como as escolas usam subterfúgios para favorecerem a classe dominante fortalecendo o capital cultural para que continuem perpetuando-se no poder. A escola também valoriza os alunos que se destacam, pois estes são tidos como alunos que possuem valores em consonância com a ideologia da classe dominante.

Para Bourdieu a respeito do capital, este nos diz que o capital cultural existe sob três formas, a saber:

- a). No estado incorporado, sob a forma de disposições duráveis do organismo.
- b) no estado objetivado sob a forma de bens culturais (quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas), transmissíveis de maneira relativamente instantânea quanto à propriedade jurídica.
- c) no estado institucionalizado, consolidando-se nos títulos e certificados escolares que, da mesma maneira que o dinheiro, guardam relativa independência em relação ao portador do título. (BOURDIEU,1998, p.9)

Neste artigo, nosso interesse é focar no capital cultural, pois ele transita entre o nível cultural da família e o êxito na aprendizagem escolar de crianças, adolescentes e adultos. Portanto Bourdieu frisa que o capital cultural é importante, pois vai mostrar as desigualdades sociais, pontuando a imposição do que pode ou não ser valorizado para o fortalecimento de manutenção das desigualdades na sociedade, pois o capital cultural também é um sinônimo de poder.

Em relação aos professores, estes devem ter condições de trabalhar em um local com boa infraestrutura, devem realizar cursos de educação continuada que lhes capacitem para atender a todos os alunos com respeito e equidade, sempre buscando metodologias e



estratégias inovadas no processo ensino aprendizagem, para acompanharem o desempenho e as dificuldades dos alunos, fornecendo suporte pedagógico para os que apresentam dificuldades na aprendizagem. Consideramos que o capital cultural deve ser apropriado pela escola e pelos docentes, trazendo melhorias a todos do ambiente escolar.

O professor que tem um bom capital cultural, apresenta conseqüentemente um trabalho de qualidade, visto que este capital, fortalece o profissional da educação e causa impacto em relação à aprendizagem, pois incentivam crianças, jovens e adultos a participarem de atividades de cunho cultural.

Por outro lado, a escola e os professores podem promover a desigualdade cultural e educacional, porém pode surgir um modelo inovador onde a instituição escolar e os educadores possam vir a buscar maneiras e regras de fazer os educandos passarem a sentir-se pertencentes ao novo ambiente, enfrentando a exclusão e o preconceito.

ESPERANCEMOS

Paulo Freire tem um conceito de esperança e para ele a esperança não se dá de modo passivo, é preciso construir saídas, rotas de fuga, desvios que nos orientem para a construção de novas formas de construir o processo de ensino aprendizagem.

Nós como discentes, fomos convocados a ocupar um lugar de protagonistas do processo, e chegamos a evidenciar na prática as dificuldades e desafios de sair de um modelo hegemônico e narcisista que coloca a evidência do processo educacional na figura do professor.

A reflexão Freireana sobre o esperar deixa claro que: o professor deve ter sua prática aliada a sua teoria, sempre estar em busca de conhecimento, pois o próprio Paulo Freire sempre dizia em seu discurso que não somos prontos e acabados. É necessário sempre motivar o ser humano a lutar, a ter consciência do seu papel social no mundo e por fim que o homem pode estar sempre buscando enfrentar a opressão que sofre, pois somente através da educação este pode se libertar de sua posição de oprimido.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto se faz necessário fazer os seguintes questionamentos: Como o capital cultural do professor pode contribuir para a hegemonia e o narcisismo que legitima o racismo em sala de aula? Como os cursos de formação preparam os docentes para atuar em temas como este?

Silenciar sobre o racismo, principalmente em sala de aula, é um tipo de atitude que constrange, provoca exclusão, traz sofrimento e acima de tudo provoca descaso e baixa estima, fortalece a desigualdade social e retroalimenta a lógica racista em nosso país. Bell Hooks(2013) apresenta uma autocrítica e se propõe a pensar como poderia ela no lugar de professora no qual representava uma figura de autoridade não reiterar um modelo autoritário do qual justamente ela se propõe a desconstruir? A autora aborda a importância de construção de práticas docentes que contrariem a lógica coercitiva historicamente institucional, que transgridam os modelos hegemônicos, patriarcais e racistas, defendendo de forma alinhada as propostas de Paulo Freire, uma educação para a liberdade.

Mas, ao pensar nas propostas de Paulo Freire no atual contexto político e econômico, em meio à pandemia de Covid-19, nos deparamos com inúmeras inquietações, entre elas, até que ponto há espaço para que a escola tenha autonomia para trabalhar esse tema de forma dialógica, crítica e atuante? É possível analisar e mudar o currículo escolar, referente a hegemonia?



REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. 1998. Editora Vozes. Petrópolis, RJ.
- BENTO, Maria Aparecida Silva- **PACTOS NARCÍSICOS NO RACISMO: Branquitude e poder nas Organizações Empresariais e no Poder Público – universidade der São Paulo- Instituto de Psicologia. São Paulo, 2002.**
- CARONE, Irany. BENTO, Maria Aparecida Silva. **Psicologia social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 6. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- FREITAG, Bárbara. **Escola, estado e sociedade**. - 4. ed. rev. - São Paulo: Moraes, 1980.
- CURTA METRAGEM: **Dudú e o Lápis cor da Pele**. Disponível em: https://youtube.com/watch?=:VGpB_8b77U. Acesso em 12 de Maio de 2022.
- GADELHA, Sylvio. **Empresariamento da sociedade e governo da infância pobre**. In: RESENDE, de Haroldo (Org.). Michel Foucault: o governo da infância. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2002
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- RUMMERT, Sônia Maria. **Aspirações, interesses e identidade dos trabalhadores. Elementos essenciais à construção da hegemonia**. Disponível em: file://C:\Documents and Settings\Administrador\Meus documentos\Minhas Webs\NED...28/8/2008. Acesso em 11/05/2022.
- SCHLESENER, Anita Helena. **O caderno A de Antônio Gramsci: A hegemonia, a linguagem, a literatura e seus desdobramentos na educação**. Revista Dialectus. Ano 3 n. 8 Janeiro - Agosto 2016.
- ULLRICH, Amanda; ROCHA Guilherme Aparecido. **A era do narcisismo: condutas narcísicas na sociedade contemporânea**. Cadernos da Fucamp, v. 18, n. 36, p. 35-50/2019. Disponível em <http://fucamp.edu.br>. Acesso em 10/05/2021.

